

RUBEM BRAGA

IMPERIALISMO

16/6/57

UM dos trechos mais interessantes do livro «O Petróleo no Brasil», de Joel Silveira e Lourival Coutinho, é aquele em que se conta — e se conta com documentos, muitos deles até agora secretos — a história da fundação da Refinaria de Manguinhos.

O grupo de capitalistas brasileiros que teve a iniciativa de fundar essa refinaria foi, logo de início, fortemente hostilizado pelos representantes dos «trusts» estrangeiros. Esses «trusts» não agiam abertamente, mas através de particulares e autoridades do Brasil. Encontraram, porém, os capitalistas nacionais, apoio nas altas esferas do governo e, depois de uma concorrência, contrataram com uma grande firma especializada norte-americana a instalação da refinaria. Conseguiu também promessa de financiamento no Export-Import Bank. O antigo embaixador Berle, um dos homens mais esclarecidos da diplomacia americana, muito ajudou o grupo de brasileiros. Foi, entretanto, substituído pelo embaixador Pawley. Quando este assumiu o posto, a pretensão do grupo brasileiro, apoiada pelo governo Dutra, já merecera manifestações simpáticas do Departamento de Estado, e o presidente Martin, do Export-Import Bank, já manifestara que a proposta brasileira era «dos negócios mais garantidas e dos que mais se enquadravam dentro das finalidades e exigências do banco». Tudo corria em mar azul quando embarcaram daqui para Washington o embaixador Pawley e o vice-presidente da Standard Oil. Pouco depois o Departamento de Estado e o Export-Import Bank mudavam de opinião. O pedido de financiamento ficou trancado na gaveta do presidente do banco.

Nosso embaixador em Washington, sr. Carlos Martins Pereira de Sousa, recebeu instruções para fazer sentir ao governo norte-americano o interesse que o nosso governo tinha na concessão do empréstimo ao grupo brasileiro. O livro traz um sumário da conversação do embaixador Martins com o sr. Martin, presidente do Export-Import Bank. E' um desses documentos que revelam com precisão o caráter rasgado imperialista que às vezes (demasiadas vezes...) assume a política norte-americana em relação ao Brasil. O sr. Martin manifestou logo de início que o exame do pedido dependia de outros negócios, como a votação, pelo governo brasileiro, da verba em cruzeiros para a Companhia Vale do Rio Doce. Depois de muito insistir, o embaixador Martins chegou a dizer que «deplorava que um projeto (Manguinhos) tão intimamente ligado à defesa militar do Brasil, e sobre o qual se havia interessado, recomendando-o à atenção e apoio do embaixador junto às autoridades governamentais americanas, o presidente da República do Brasil, servisse de campo para especulação de interesses financeiros expansionistas».

Em resumo: o nosso embaixador «deu duro», como lhe cumpria. O sr. Martin embateu, limitando-se a dizer que «o que acabava de dizer não significava, de maneira alguma, que o Eximbank havia, ou ia, rejeitar o pedido da Refinaria de Petróleos do Distrito Federal».

Ia, ou havia. Os homens da Standard, com a eficiente ajuda do embaixador Pawley, conseguiram que o empréstimo fôsse negado. Nem por isso o grupo brasileiro de Drault Ernany e Peixoto de Castro desistiu, e acabou mesmo por montar a refinaria sem nenhuma ajuda de dinheiro estrangeiro, e também sem um tostão de empréstimo do Banco do Brasil, dirigido na ocasião por um acionista brasileiro da Standard...

O pretexto invocado pelo sr. Martin para trancar a proposta brasileira é que me parece significativo: a ledeza de nossas autoridades em abrir os créditos em cruzeiro para a Vale do Rio Doce. Quando se trata simplesmente de levar daqui a matéria prima, boa vontade e até impaciência. Quando se trata de processar aqui uma outra matéria prima — tranca.

Há, é certo, para honra da política americana no Brasil, o caso de Volta Redonda. Mas a situação era outra, e a premência da guerra obrigava a muito.

O livro de Joel e Lourival merece ser lido pelos que, de boa fé, defendem a entrega de nosso petróleo aos «trusts» estrangeiros. Os que ganham para isso certamente não se darão ao trabalho de lê-lo: já conhecem muito bem aquelas histórias, e muitas outras...

342